

## **INTRODUÇÃO**

**Vasco Martins**

Centro de Estudos Sociais (Alta)  
Colégio de S. Jerónimo, Largo D. Dinis  
Apartado 3087, 3000-995 Coimbra, Portugal

vascomartins@ces.uc.pt  
ORCID: 0000-0001-6205-4053

Os três textos que se anexam a este número especial, de temática diferente daquela que pauta o dossiê, foram recolhidos no âmbito de uma *call for papers* sobre a memória da luta de libertação de Angola, entretanto reformulada e adaptada para publicação neste volume. Nesta secção do dossiê figuram o artigo de Fidel Reis, intitulado “Em nome do pai, do filho e do espírito de corpo: Ou como recordar a provável 1ª edição da *Cartilha do Guerrilheiro* da UNITA”; o artigo de Jéssica Höring, “A representação da trajetória da Unita no boletim Kwacha-Angola (1966-1973)”; e o artigo de Margarida Paredes, de título “A história de luta de Maria Henriqueta Miguel Pedro na FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola”.

O espírito inicial da *call for papers* pautou-se pelo desafio de diversificar e complexificar histórias e memórias menos dominantes, procurando diferentes rizomas da gesta de libertação de Angola que são, e continuam a ser, menos públicos, menos populares e menos conhecidos, quer nacional, quer internacionalmente. Os três artigos que aqui se apresentam cumprem e materializam esse critério eximamente. Recorrendo a materiais empíricos originais e de difícil acesso, entre materiais de arquivo, entrevistas, jornais, boletins e documentos oficiais, os autores tecem uma leitura inovadora das peripécias da memória em Angola, das suas ruturas e continuidades, dilemas e controvérsias, elementos em constante evolução e metamorfose.

Recorrendo a trabalho conduzido no arquivo da Torre do Tombo em Lisboa, Fidel Reis apresenta uma reflexão sobre a configuração da União Nacional para a Independência Total de Angola – UNITA – enquanto movimento de libertação, e das propriedades que foi induzindo à sua estrutura, através de uma leitura detalhada e criteriosa da 1ª Edição da *Cartilha do Guerrilheiro*, um documento ímpar na história da UNITA. Desvendando os processos de construção de identidade e de organização do movimento, Reis demonstra que esta *Cartilha do Guerrilheiro*, à semelhança de outros documentos fundadores produzidos por movimentos de guerrilha, foi essencial na edificação da estrutura e da disciplina militar da UNITA. No entanto, o autor argumenta que este documento aderiu e contribuiu para uma lógica de produção de capital político que se imiscuiu com a personalidade do chefe da organização, Jonas Savimbi, um processo que se foi repetindo até ao seu desaparecimento físico.

Jéssica Höring traça a construção de uma narrativa de excecionalidade, uma história mítica que a UNITA narrou e construiu assente no que apelidou de “longa marcha”, ecoando a mítica marcha de Mao Zedong. Analisando várias edições do boletim Kwacha-Angola, uma publicação do movimento, Höring desvenda as configurações e estratégias que categoriza como de nivelamento e diferenciação,

elementos que, argumenta a autora, integram uma narrativa mais vasta de superação que foi sendo ativada em contextos de crise.

Por fim, Margarida Paredes recorre a uma entrevista de longo escopo a uma antiga combatente da Frente Nacional de Libertação de Angola – FNLA –, Maria Henriqueta Manuel Pedro, “Joa”. Cruzando dados recolhidos em entrevista com a história oficial e disponível da FNLA, Paredes complexifica noções e categorias de género, etnicidade e religião, elementos que durante várias décadas pautaram a historiografia angolana. A autora aplica processos de desconstrução e construção histórica para demonstrar que Maria Henriqueta Manuel Pedro, à semelhança de várias mulheres que participaram na luta de libertação de Angola, não foi condignamente reconhecida pelas suas contribuições, quer no seio da FNLA, quer para a independência de Angola, sublinhando um viés que perpetua uma injustiça histórica que teima em resistir às metamorfoses da memória.

É relevante sublinhar que os três artigos comunicam entre si de forma original, já que apontam para histórias e memórias da luta de libertação de Angola que diferem, se distanciam e reequacionam a memória oficial sobre a gesta, largamente centrada em eventos e atores de um único movimento de libertação, o Movimento Popular de Libertação de Angola – MPLA. Para além dos dados originais, este é um elemento inovador nos artigos, a diversificação mnemónica que os subjaz e que alicerça novas leituras sobre um passado histórico denso e controverso.